

O AGRUPAMENTO CORROMPIDO – ANTOLOGIA DE CONTOS

Oficina de Escrita Criativa – Contos
fantásticos
2023

Apresentação

No poema “À procura da poesia”, de Carlos Drummond de Andrade, há os seguintes versos: “Penetra surdamente no reino das palavras/ Lá estão os poemas que esperam ser escritos”. Para escrever literatura, é preciso entrar em contato com o mundo das palavras que, muitas vezes, pode ser desafiante. Contudo, uma vez dentro do universo literário, tanto escritores, como leitores, encontram sua própria subjetividade. O escritor, ao criar histórias, revela ao mundo um pedaço de si, de sua visão sobre as coisas, compartilha um momento íntimo. O leitor, aceitando o mundo ficcional criado para ele, abraça o olhar de uma pessoa distinta, interpretando-o com sua história individual. Como consequência, escritor e leitor humanizam-se, pois acatam a multiplicidade da vida mediada pelo texto literário.

Este livro é o produto da Oficina de Escrita Criativa – Contos fantásticos, dos alunos do Colégio Einstein (Goiânia – GO). Para a composição do e-book, cada estudante escreveu um conto fantástico, por meio de sucessivos exercícios de escrita. Cada um deles, agora, apresenta um pouquinho de si mesmo aos leitores, convidando-os para refletir e pensar criticamente a realidade que nos cerca. Cada conto expõe uma narrativa excepcional, curiosa, instigante e, sobretudo, única. Convido-os, caros leitores, a penetrar surdamente no reino das palavras.

Professora Yasmeen Cunha.

Sumário

Cão-boy (Ariane Pietra).....	05
Uma mente à prova de balas (Arthur Peixoto).....	07
O quarto vazio (Artur Rodrigues).....	09
La magasin de rien (Benjamin Lemes).....	12
Os hamsters (Gabriel Duarte).....	15
A paz interior (Gabriela Sousa).....	20
O bairro dos olhos (Guilherme Cunha).....	23
Melodia da solidão (Helena Bernardes de Góes).....	26
Falsa esperança (Isadora Maria Alcântara de Souza).....	29
Quem sou eu? (Lara Soares).....	33
Uma mente felina (Pétalla Luiza).....	35
A vida de um caçador (Sophia Pontes)	39
O monstro da mente (Vinícius Fortunato).....	43
A anormal (Yasmim Freire).....	49
À procura de marés vazias (Renata Peixoto).....	53
Eu o conhecia (Maria Victória Saêta).....	56
Refletir (Eloisa Malaquias).....	59
Epílogo.....	61

Cão-Boy

Ariane Pietra



Uma vez, um sábio me disse que ações e palavras têm poder, mas pela minha idade nunca compreendi o que ele quis dizer com isso. Cresci e escutei coisas que floresceram meus ouvidos, porém, já escutei coisas que foram como espinhos. Já me fizeram coisas que me fizeram sentir como um recém-nascido. Outras vezes, me senti como um lixo e nunca entendi o porquê disso, até o conhecê-lo.

Pietro era o nome dele. Foi como eu o conheci, o jeito que se apresentou foi tão doce, não via nenhuma maldade nele. Aquele pequeno garoto tão gentil em suas falar e gestos... Sendo assim, prometi para mim mesmo que iria protegê-lo de todo o mal.

Diante disso, para manter minha promessa, vi que comecei a fazer coisas por ele para que não o magoassem. Ele começou a ver coisas da minha vida, comecei a agir por ele e ele por mim. Quando nos demos conta, éramos um só.

Uma mente à prova de balas

Arthur Peixoto



Em uma casa abandonada, vivia um homem que não gostava de aparecer nas ruas. Esse homem tem os sentimentos iguais a um raio rápido e silencioso. Ele não consegue expressar felicidade, somente raiva e tristeza, como um feroz leão. Ele é como uma bomba-relógio, pode explodir a qualquer momento e, por isso, não gosta de sair de sua casa abandonada.

As pessoas não conseguem se aproximar dele, pois não sabem se ele está triste, feliz ou sequer expressando algum sentimento. A vida dele não é nada fácil, sem amigos, sem familiares, sem ninguém para conversar.

Sua mente é como o lado obscuro da Lua: tudo que entra não consegue voltar atrás. Minha vida é como uma armadura de malha, nada consegue perfurar, mas a marca é eterna.

O quarto vazio

Artur Rodrigues



De repente, ela acorda e se vê em um lugar pequeno, escuro, chão gélido e paredes brancas. Não existem portas ou janelas naquele espaço infernal, tudo que se tem é uma pequena escotilha ao alto no teto. Ela tenta alcançá-la desesperadamente, mas seu esforço é em vão, pois tão alto era aquele único espaço onde a luz penetrava.

Horas, dias, semanas se passam e nada e nem ninguém aparece para salvá-la, ninguém sente sua falta e, sem água ou comida, ela começa a gritar desesperadamente por ajuda, mas nada, nem sequer um sussurro é ouvido de fora. O silêncio ensurdecedor é a única coisa que ela recebe de volta pelos seus gritos em busca de ajuda.

Pouco tempo depois, ela ouve seres rindo e festejando do outro lado das paredes. Ela novamente implora por ajuda, porém, dessa vez recebe uma resposta: a resposta é dada por um ser brincalhão e peculiarmente maldoso, de um jeito calmo e até de certo modo reconfortante.

— Vai ficar tudo bem, você está bem. Para de gritar e fazer pirraça. Estamos tentando festejar aqui!

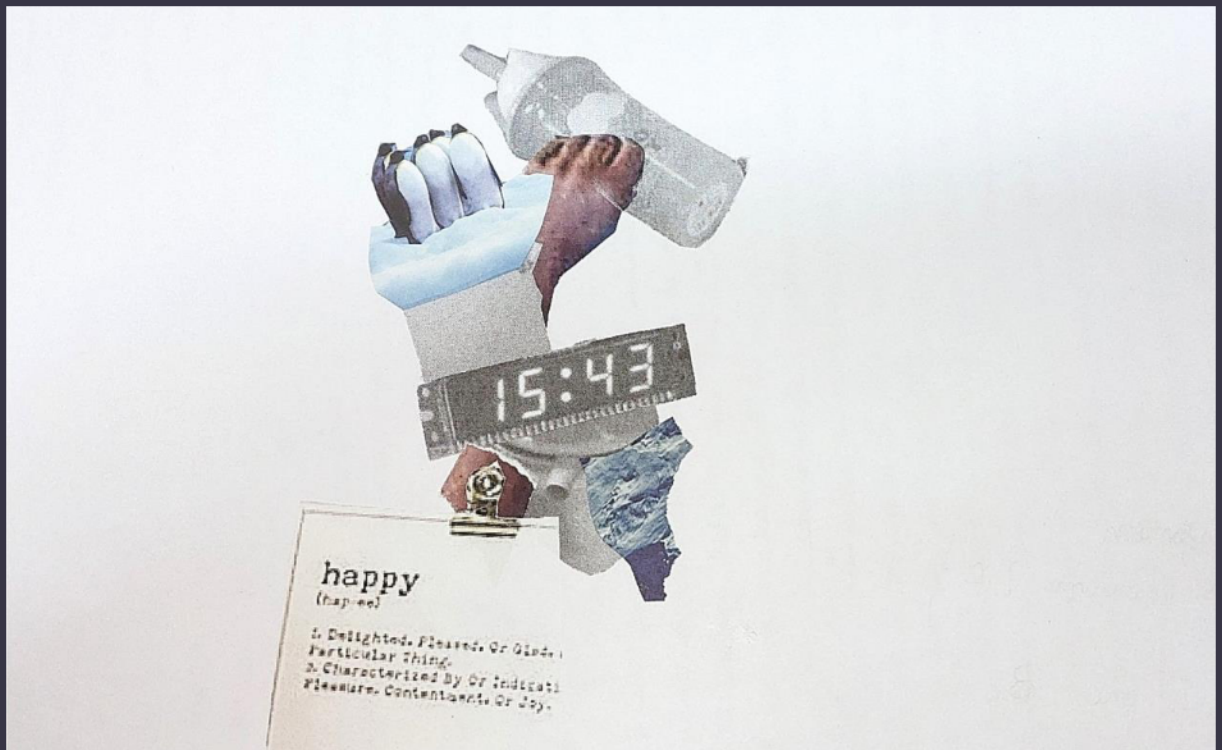
— Por favor, ser, ajude-me! Estou sem água e comida, presa há tantos dias que perdi a noção do tempo.

Então, a única abertura presente no vazio surgem uma cartela de ovos e um jarro de vidro com água, que ao despencarem em direção ao chão são quebrados, impossibilitada de saciar sua fome e sede. Ela grita novamente por ajuda, mas, como da primeira vez, o silêncio é a única coisa que acompanha seus gritos.

Sem comida ou algo para beber, ela tenta novamente escapar do quarto pela escotilha, porém, seu esforço é novamente em vão. Desta vez, se corta acidentalmente com os cacos deixados pelo recipiente que um dia servira para armazenar água, tal como o corpo frio e pálido que antes de ser colocada a força no vazio já fora tratada como um humano.

La magasin de rien

Benjamin Lemes



Entre duas portas ligadas a um pequeno sino, que anunciara a minha chegada, lá estava ele: Um homem alto, rechonchudo, que se ocupava em preencher as gavetas do pequeno estabelecimento com o que, por alguns momentos, me assustou ao se comparar com caixas de lojas convencionais — as prateleiras e gavetas eram entulhadas com nada mais nada menos que nada.

Fui recebida com um largo sorriso, de orelha a orelha, em uma língua até então não conhecida por minha pessoa: o forte puxar do “R”, seguidos de sons fechados, me levou a crer que homem roliço comunicava-se em francês ou derivados... De fato, senti-me acolhida mesmo sem entender uma sílaba, parecia ser um ótimo vendedor, apontando para os preços que me custariam ao comprar nada — 10% de nada, 20% de nada...

Pareceu empenhado em brincar de mímica assim que entendera que eu não era falante em sua língua materna, mostrando-me os produtos e suas devidas funções.

Vimos, pelo o que eu consegui compreender, jogos de carta que são e não fazem nada, chaveiros que são e fazem nada, apertamos botões que são e não fazem nada... Nada além de nada, esse foi o rumo que nossa “conversa” tomou, fora tão longa que até mesmo posso entender e traduzir toda vez que “Rien” — palavra muito utilizada para descrever os produtos — era proferida.

Além da companhia do simpático francês, caminhei entre as prateleiras quilométricas: havia de nada um pouco, a distância de um ponto a outro levava dias de viagem a pé, até mesmo consegui encontrar um ponto de ônibus que auxiliava o trajeto aos preguiçosos... Andei nada de nada e já vi necessidade em percorrer o caminho de volta ao caixa, na esperança de aproveitar as ótimas promoções. Ainda tivemos tempo de jogar mais um pouco de conversa fora, ou ao menos tentar, apresentando-nos e tentando pronunciar os nomes de culturas completamente diferentes. Enfim, comprei o meu nada a preço de nada: alguns jogos, roupas, uma máquina de datilografia que não são nada e não fazem nada e me custaram absolutamente 50% de nada... É isso, os estranhos se entendem.

Os hamsters

Gabriel Duarte



Os primeiros hamsters que apareceram, muito sofreram para se acostumar, na verdade, nem mesmo eu me acostumei ainda. Estou aqui desde a época em que os aliados e o povo do eixo ficaram bravos entre si. Lembro como se fosse ontem, quando chegou uma gente com olho puxado e me colocaram aqui, junto com os meus amigos. Esse lugar é um pouco sombrio, sinto que ninguém queria estar aqui. É um pouco grande, tem vários globos para brincarmos o dia inteiro, mas havia também um humano com olho puxado. Ninguém gostava dele, ele era muito bravo e quando a gente cansava de brincar ele nos estimulava com alguns equipamentos. Meus amigos não entendiam.

Um dia, fiquei sabendo que minha parceira havia caído da casinha, ela nunca mais voltou. O homem dizia que isso era uma dádiva, também mencionava as estrelas no céu. Mas, para nós, a maior dádiva do dia era quando tocava um sino. Esse sino era o indício que poderíamos parar de correr nos nossos globos.

Eu já estava cansado, era todo dia a mesma coisa. Eu acordava, brincava e dormia. Também tinham dias que eu só brincava. Eu odeio tudo isso! Num domingo, de manhã, resolvi me esconder, só assim me sentia protegido. Mas, para meu azar, o humano me encontrou. Ele ficou muito bravo, me fez uma sessão de estímulo, só que esses minutos foram os mais longos da minha vida. “Vocês não podem parar de brincar” dizia aquele desalmado. Até que chaga um outro ser, esse não era de olhos puxados, porém, me parecia familiar. Me vendo naquela situação, ele chamou a atenção do estimulador... me parecia ser bonzinho. Então, eu o reconheci, ele fez parte da briga entre o eixo e os aliados. Estava do nosso lado...

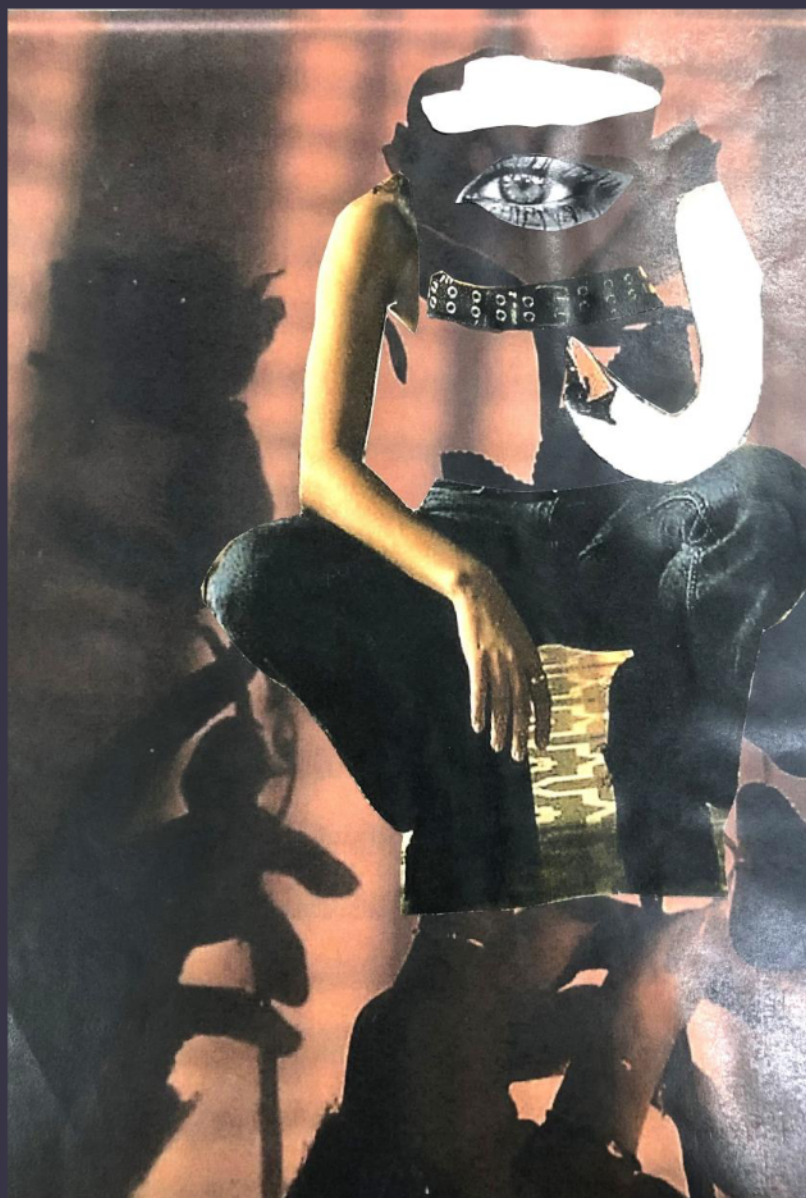
Entretanto, tinha vindo apenas para fiscalizar o local. Por estar do nosso lado, não deu a mínima para o que estava acontecendo naquele local. Mas sabia que não podia continuar assim. Portanto, me nomeou como ajudante do olhinho puxado, pois propôs uma teoria em que seria tudo melhor se um dos hamsters ajudassem o homem. Me senti um rei. Meu companheiro, por incrível que pareça, gostou dessa ideia. Algo estava estranho. Mesmo ele sendo malvado e eu um ser amoroso, ele concordou.

Se passaram semanas, meses, comecei a não gostar mais daquilo tudo, não estava mais gerando comida na casinha, não o bastante. Então, passei a me impor mais diante aqueles seres baixos. Eles começaram a brincar um pouco mais, isso ao final do mês gerou muita comida, como nunca tinha gerado antes. Então conclui que: quanto mais brincavam, mais prazeres me geram. No próximo mês, os hamsters passaram a brincar muito, não podiam nunca parar de brincar, apenas quando eu mandar, caso eles não me obedecam... como dizia o meu companheiro “estimule-os”. Assim fiz.

Infelizmente, o olhinho puxado caiu da casinha. Ao explicar isso para os hamsters, mencionei as estrelas, aquilo era uma dádiva. Dias depois, o ser sem olhos puxados veio nos ver. Disse que tinha muito orgulho em me nomear dono dos hamsters. Aquilo sim foi uma dádiva.

Um daqueles baixos resolveu, um dia, desrespeitar minhas ordens, eu o estimulei. O homem vê toda aquela situação e briga comigo. Como os hamsters não estavam nada satisfeitos, ele denominou aquela criatura como meu ajudante... e eu preciso de um ajudante?! Ela, com o tempo, foi aprendendo como se tratava da forma certa os hamsters. Infelizmente, no seu melhor momento eu caí da casinha e virei uma dádiva. E assim se inicia um ciclo.

A paz interior
Gabriela Sousa



Chegou a estação mais esperada para alguns e, para outros, nem tanto. Como é lindo ver crianças esbranquiçadas pulando na neve sem cor, sem graça e vazia. Isso me lembra do senhor que trabalhava para o meu pai que, felizmente, faleceu de desnutrição.

Esse tempo é bem favorável para certas plantações. Tem uma planta na minha casa que tem uma delicadeza de cisne, mas, ao mesmo tempo, é frágil e possui sentimentos como uma rosa solitária e vazia em meio de tantas pessoas procurando algum destino, que esquecem de serem transparentes consigo mesmas. Recordações do papai.

Além de ser esquisita, quando me pego observando-a, aparenta ter um estilo incomum, parecido com uma trabalhadora da propriedade do meu pai. Ela tem umas visões desse mundo extremamente opressoras, deve ser por isso que se mostra ser vingativo.

Pensativa e escandalosa, esse "ser" tem uma beleza própria, nenhuma cidade brilha mais que os seus olhos. Olhando bem para ela, posso sentir uma paz, é raro ter "paz" com o barulho dos empregados, o cheiro deles é de matar um.

Esse "ser" aparece de tempos em tempos, sempre mudando de local, e o objetivo dele é modificar o seu jeito de pensar e olhar o mundo, levando em consideração o seu modo de agir.

O bairro dos olhos

Guilherme Cunha



Certa tarde, foram vistos mosquitos ao redor do lago, pedestres na calçada e ratos nos lixos. Tais registros foram feitos por um homem de lama que dorme no mangue com um lençol de escamas. Ele não é jornalista, mas conta o que se passa na vizinhança em detalhes, possui olhos de câmera que não deixam que nada escape.

Em uma roda de conversa, há alguns dias, nos foi contado que ele estava saindo dos ralos das casas das pessoas e mostrando seu dia a dia desnecessariamente. Ele conta tudo ao vivo, pois estava em todos os lugares, afinal, a lama se espalha por toda parte.

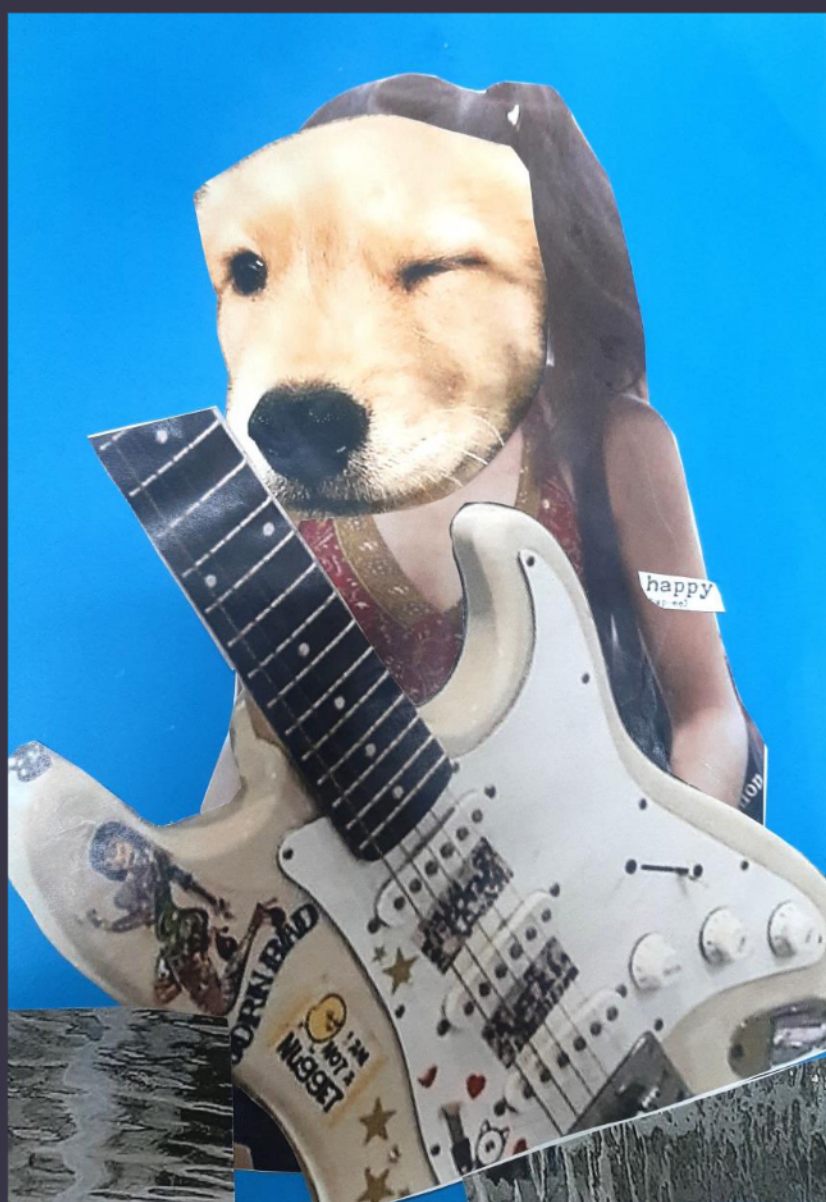
Muitos acham sem sentido e pensam ser uma ideia maluca, não conseguem aceitar ou entender a motivação do homem lama para fazer isso e engajar tanto os outros. Dizem que se você interagir com ele, mudando seu padrão, você tem uma chance maior de ficar famoso dependendo do que fizer.

A ideia que temos é saber que as pessoas mudaram o padrão do que mostraram ao homem lama na cidade como uma tentativa de quebra do tédio. Nós nos sentimos alegres tendo uma informação fora do padrão, por exemplo, quando é registrado essa quebra quando o homem lama filma bebês fazendo algo fofo.

Certo dia, ao vagar pelo parque, ele fez uma filmagem do céu dizendo que era hora de partir, ninguém entendeu o que ele quis dizer com aquilo. Àquela altura, ele já era amigo de todos e era muito bondoso, por isso, ficaram todos tristes por sua partida. Assim que começou a chover ele foi desmanchando vagorosamente até dar seu último flash, assim partindo para sempre.

Melodia da solidão

Helena Bernardes de Góes



Estranhofrenia. Essa palavra difícil que eu nem sei explicar, é, na verdade, a pior coisa do mundo. É como estar à deriva no meio do oceano, se afundando em ilusões. É como ser uma folhinha insignificante pensando ser uma rosa magnífica e rara. Muitos não sabem que sofrem de estranhofrenia. Mas uma pobre cantora, que vivia em um lugar desconhecido, foi o primeiro caso registrado.

Eu tenho a voz mais bonita do mundo! Tenho uma legião de fãs que me apoiam, me adoram e vão em todos os meus shows. Hoje a plateia estava lotada. Meus livros, minhas roupas, um par de óculos, uma cartinha rasgada, uma pena, um lápis velho e gasto, uma pintura antiga... Todos gritavam e me aplaudiam para me ver cantar.

Cantei várias músicas. Eu arrasei muito! Eu nasci para brilhar! Como é bom ser amada pelo meus fãs, eles são uns fofos.

Mas já que nem tudo é perfeito e glamoroso na fama, às vezes recebo alguns haters. Hoje, mas um veio me criticar, ele disse: "Catarina! Já varreu o pátio? Já lavou as roupas? Pare de perder tempo com besteiras minha filha". A outra disse: "Cala boca, Catarina! Pare de ficar cantarolando aí, metida nos cantos. Eu tô tentando dormir!".

Sinceramente, eu não ligo para nenhum deles, são todos invejosos, só porque eu tenho talento e eles não. E hoje se encerra mais um show. Mas todos os meus fãs podem ficar tranquilos e despreocupados, porque amanhã tem mais! E depois de amanhã tem mais de novo! Eu sou talento puro, nunca vou deixar de cantar e viver o meu sonho.

Falsa esperança

Isadora Maria Alcântara de Souza



Eu sou a melhor companhia que alguém poderia ter e posso provar isso. Acompanho cada pedaço da vida de meus companheiros, sou o que ele pensa a cada momento de seu dia, desde o acordar até o momento de se deitar. Posso descrever todas as lindas coisas que ele realiza nesse curto espaço de tempo: ao acordar, ele chora; ao sair, ele se esconde em roupas longas e quentes; ao comer, ele vira as costas; ao banhar, ele grita; e ao dormir, ele chora de novo. O escuto conversando com as paredes de seu quarto, reclamando da minha existência, coisa ridícula! Eu estou afastando aqueles estranho seres sorridentes e alegres de meu companheiro, porque ele é apenas meu, algo bom para mim e péssimo para ele.

Acordamos novamente e me preparo para assistir o mesmo show de maravilhas que acontecem logo após meu companheiro acordar. Porém, hoje ele não seguiu nosso roteiro diário, pois o dia dele foi alegre... já faz algum tempo que percebi que ele não estava seguindo o meu cronograma e isso está me deixando com muita raiva.

Faz dois dias que ele não chora, três que ele está se alimentando normalmente. Além de estar completamente brava, estou preocupada, imagine se eu não concluir meu trabalho e, simplesmente, deixá-lo só? Não quero isso, meu desejo é que eu fique ao seu lado até o fim de seus dias, quando esse dia chegar, eu encontro outro companheiro e, desta maneira, eu nunca fico só. Posso admitir que está cada vez mais difícil fazer com que minhas vontades sejam realizadas. Meu amigo não está mais me obedecendo como antes, percebo que estamos cada vez mais distantes, mesmo no mesmo lugar. Ele está me substituindo por um ser tosco e frágil que fica com um rosto sem expressão em todo momento que está com meu companheiro, apenas o escutando.

Não sei o que há de errado comigo, simplesmente não consigo concluir meu trabalho e finalmente fazer com que meu parceiro se liberte.

Portanto, ele não quer minha presença por perto, não preciso me esforçar para perceber isso. Não queria deixá-lo só, não queria abandonar meu trabalho. Mas, infelizmente, não posso continuar aqui, meu parceiro me deixou para trás, então terei que partir. Vou deixar ele e achar outro parceiro para me ter ao lado, o que não será muito difícil.

Quem eu sou?

Lara Soares



Eu queria falar um pouca de mim, mas na verdade nem sei quem sou.

Minha mãe sempre fala que eu não sou todo mundo, mesmo às vezes eu quero ser. As pessoas que me conhecem antes do que sou agora pensavam que eu era fofo e delicado, porém, quando me viram, perceberam que, muitas vezes, sou um pouquinho selvagem. Isso não é uma coisa ruim, porque eu sempre procuro proteger e cuidar de quem eu amo. Minha vida sempre foi muito agitada, correndo para lá e para cá. No entanto, quando tenho um tempo com minha mãe, é sempre bom, pois ela faz um carinho maravilhoso. Eu adoro um carinho na barriga, eu também gosto muito quando ela brinca comigo e quando a gente vai ao parque.

Certo dia, eu e minha mãe estávamos bem à toa e, então, decidimos ir passear. Nesse passeio, passamos pelo nosso lugar preferido, que é o parque, lá nós andamos pelas flores mais cheirosas, pelo laguinho de peixes e pelos carrinho de comida, depois da caminhada, fomos brincar bastante.

Mais tarde, quando estávamos voltando para casa, minha mãe encontrou um rapaz que também tinha uma filha, eles ficaram conversando quase o caminho todo. Daí em diante, todos os nossos passeios eles também iam e, hoje, estamos morando juntos. Isso não é uma coisa ruim, pois assim eu não fico mais sozinho quando minha mãe não está, porque agora eu tenho uma amiga.

Eu queria falar um pouco de mim, agora já sei quem sou. Eu sou um cachorro bem brincalhão mesmo sendo protetor, sou delicado e selvagem. Podem falar o que quiserem de mim, eu vou continuar sendo quem eu sou.

Uma mente felina

Pétalla Luiza



Buster era um felino animal-mulher, com uma aparência muito ambígua. Ele era um felino muito frio e discreto, mas cheio de intensidade e liderança em seu olhar. Ele era um animal-mulher extraordinariamente grande e belo, de espantosa sagacidade, chamava atenção de todos por onde passava. Ele sempre se sentia julgado por todos e vivia sempre angustiado com o sentimento de solidão.

Ninguém sabia o motivo de tanta frieza e angústia, que se mostrava tão forte e frio. Mas, na verdade, ele só sentia falta de alguém para cobrir esses sentimentos negativos, afinal, ele sempre estava sozinho. Porém, se passou tanto tempo que essa tristeza se transformou em raiva de tudo e todos, não suportava escutar críticas ou risadinhas ao seu respeito. Quando alguém ria ou criticava-o, já partia para ignorância e, às vezes, até para a agressividade.

Certo dia, apareceu uma felina à sua procura, até que encontrou. Quando se viram, a felina pediu perdão por todos seus erros do passado.

Todos à sua volta ficaram impressionados e curiosos para saber que passado é esse que eles tanto discutem. Buster disse que a perdoava, mas que nada voltaria ser igual antes. Sky saiu triste, remoendo tudo que Buster disse e lamentando seu amor por ele.

Buster se arrependeu por ser tão frio com Sky, mas quis manter sua máscara de “durão”. Após algumas semanas, Sky anuncia que iria se mudar para longe, Buster ficou maluco com a notícia e foi atrás dela. Mas quando chegou, Sky não estava mais lá. Buster ficou muito sentido e se sentindo culpado por ter maltratado Sky. Meses depois, Buster decidiu se mudar e recomeçar sua vida, sem rancor e sentimentos ruins.

Assim que ele chegou em seu destino, deu de cara com Sky que, por coincidência, estava morando lá, porém, já estava acompanhada e não quis muita conversa. Buster ficou indignado, mas entendeu isso como uma lição para deixar seu orgulho de lado e viver o agora. Assim, seguiu sua vida.

A vida de um caçador

Sophia Pontes



Lance e eu crescemos junto a outros jovens garotos dentro dessa floresta. Fomos ensinados desde crianças a caçar, construir abrigos e cuidar uns dos outros. Ele sempre dizia que não se dava bem em grupos e odiava lidar com pessoas. Acho que é por esse motivo que ele era tão bom no que fazia.

Com o decorrer de nosso crescimento, fomos apresentados a um novo objetivo: o de cuidar e criar uma família. Lance não concordava com esse objetivo. Dizia que aquilo não era para ele e afirmava que nunca cederia aos desejos dos líderes. Mas cada vez que ele voltava de uma caçada, normalmente sendo um dos únicos bem-sucedidos, crescia mais e mais a pressão e expectativa de nossos superiores sobre ele.

Um dia, Lance foi obrigado a se casar com uma mulher e se mudar para o complexo familiar de nossa floresta, mesmo que ele fizesse de tudo para provar aos líderes que aquilo não era necessário.

Lance caçava com a graciosidade de um cisne, possuía uma cabeça igual a de um sábio idoso e uma outra com a disposição de uma criança. Observava tudo com a sagacidade e o perigo presente no olhar de um faminto lobo. Ele, ainda hoje, caça com a graciosidade de cisne, porém, agora parece que carrega o peso do mundo nas costas. Acho que a razão dessa mudança seja que a caça parou de ser prazerosa a ele, se tornando assim algo obrigatório.

Após anos, fomos notificados do desaparecimento do nosso garoto prodígio. A maioria dos caçadores achava que Lance tinha sido morto durante uma caçada. Nossos líderes sabiam de algo, isso eu tenho certeza. Na noite anterior ao seu desaparecimento, Lance parecia atormentado, estava sempre em alerta, mas parecia mais descuidado do que nunca. Ele não estava satisfeito com sua situação, mas eu o conheço o bastante para saber que ele não fugiria de suas responsabilidades.

Ele parecia amar Catherine, sua recém-nascida filha, e até suportava sua esposa. Meu peito dói ao saber que nunca terei certeza do que aconteceu com o meu irmão. Posso até ter uma noção do que aconteceu, mas nunca poderei confrontar os superiores sobre isso.

Agora aqui estou eu, aguardando minha morte, deitado no meio da floresta sob uma poça de meu próprio sangue. Não posso deixar de imaginar se esse também foi o fim de meu irmão. Mas, quando olho para o lado, o vejo me observando sentado em uma grande pedra. Ele realmente está ali ou é só a minha mente me pregando uma peça? Nunca terei essa resposta, então, fecho meus olhos e a última coisa que penso é que talvez eu não conhecesse Lance tão bem quanto eu achava. Por isso, ele sempre foi tão bom caçador, ele era um lobo solitário.

O monstro da mente

Vinícius Fortunato



Hoje foi um dia frustrante. Um pouco mais cedo, na aula de Matemática, o professor decidiu visar uma tarefa... aquela tarefa... que eu nem me lembrava mais da existência de tanto tempo que ela havia sido passada. O professor foi passando de carteira em carteira certificando-se de que todo aluno tinha feito a atividade. Quando ele se aproximou de mim, automaticamente, demonstrei uma expressão de vergonha pela minha memória ruim e o professor uma de decepção pelo ocorrido. Desde então, esse momento ficou marcado em mim como uma cicatriz.

Novamente, se aproximava de um prazo para entregar outra tarefa, quando eu fui realizar a tarefa meu coração começou a palpitar rapidamente. Meu corpo e minha mente ficaram cansados de um jeito que eu não conseguia realizar nenhuma atividade que fosse, até que todo o ambiente ao meu redor começou a escurecer e da sombra mais forte surgiu uma criatura bizarra, diferente de tudo que existe no nosso mundo.

Sua aparência não contém muito sentido, mas se fosse para descrevê-la, eu diria que a criatura tinha o corpo de uma ampulheta, porém, meio esguia e distorcida. Ela não tinha pernas, mas flutuava como um drone. Tinha braços e mãos, mas não eram ligadas uns aos outros nem ao corpo. Era como se suas juntas fossem invisíveis. Tinha uma cabeça que se assemelhava a um ciborgue com um olho vermelho e uma toca. Essa cabeça era ligada ao corpo por um pescoço mecânico. E dentro de seu corpo transparente de ampulheta, ao invés de areia havia uma gosma preta que caía infinitamente do topo da ampulheta até sua base.

A criatura começou a "andar" lentamente até mim enquanto eu tentava procurar um lugar para correr. A minha tentativa foi frustrada, pois não era possível enxergar nada ao meu redor, somente aquela figura disforme que agora estava muito próxima a mim. Nesse momento, a criatura criou uma lâmina que saía diretamente da parte superior de sua mão e tentou cortar minha garganta, porém, em uma reação rápida eu, surpreendentemente, desviei de seu ataque e corri desesperadamente para uma direção qualquer, sem me importar a onde eu iria parar.

Quando parei para respirar e observar ao meu redor, percebi que aquele monstro estava muito distante de mim, mas logo ele começou a vir em uma alta velocidade em minha direção. Até que nesse momento eu comecei a pensar em como muito provavelmente tudo aquilo era fruto da minha cabeça e em como tudo aquilo era muito absurdo para estar realmente acontecendo. Então eu juntei toda a minha coragem e, enquanto a criatura se aproximava cada vez mais, eu sentei naquele chão opaco e comecei a respirar fundo e me concentrar para que o monstro e aquele lugar sumissem.

Por um breve momento, eu abri meus olhos e vi que realmente estava dando certo. Aos poucos, aquele local estava esclarecendo e dando lugar ao meu quarto. Agora novamente, com meus olhos fechados, só escutava o ranger das lâminas do monstro chegando gradativamente mais perto dos meus ouvidos. Eu senti a ponta de sua lâmina encostar levemente no meu pescoço. Em um instante, esse sentimento incômodo já desapareceu e no momento em que eu abri os olhos estava no meu quarto sem nenhum vestígio do que aconteceu.

Dois dias tinham se passado desde o ocorrido. Eu continuei minha vida de modo normal como se nada tivesse acontecido, apesar de que, quando eu contei a história para os meu pais e amigos, eles disseram que isso parecia bem sério e que talvez eu devesse procurar um psicólogo e fazer terapia, mas eu acredito que isso não seja necessário, afinal, aquilo foi só uma ilusão e eu consigo lidar com os meus problemas sozinho.

No mesmo dia eu acabei tendo a triste surpresa de que aquele era o dia em que a última tarefa passada pelo professor de Matemática iria ser vistada e eu me esqueci completamente, de novo, de fazê-la. Eu entrei em desespero e me tranquei no banheiro. Meu coração começou a palpitar rapidamente e minha respiração ficou ofegante. Até que eu me encontrei na mesma situação de dois dias atrás. Eu não estava mais no banheiro, mas sim naquele lugar completamente escuro e aterrador e, na minha frente, lá estava ela, a mesma criatura que me atacou anteriormente.

Porém, agora ela estava extremamente maior e mais ameaçadora. Dessa vez, eu não consegui reagir diante do monstro e simplesmente caí de joelhos no chão. Dentro de poucos instantes, senti minha vida ir embora pelo sangue que escorria do meu abdômen empalado pela lâmina do monstro. E meu último pensamento foi: por que eu estava morrendo sendo que tudo era fruto da minha cabeça?

A anormal

Yasmim Freire



Estava saindo do colégio quando, de repente, senti uma bola acertar minha cabeça. Quando olhei, todos riam de mim, foi a primeira vez que recebi atenção de verdade. Chegando em casa, tomei banho e fui jantar. Estava sendo observada não entendia o porquê, só estava cortando, com meu braços peludos, minúsculos pedaços do frango que meu pai havia feito. De pouco em pouco ia comendo minha comida, todos da casa haviam terminado a não ser eu. Minha mãe me olhava com olhar de fúria, acabei rapidamente de comer e deixei na pia. Aproveitei sua dispersão e corri o mais rápido que consegui, dando voltas e mais voltas na casa.

Outro dia nesse mísero lugar. Era um pesadelo, não tinha paz para usar todo meu conhecimento nas aulas sem levar olhares de crítica em cima de mim. O sino tocou, já ia correndo já ia correndo para o banheiro como sempre faço na hora do almoço.

Duas meninas me pararam na porta, tentei sair sem olhar para elas e para as gulseimas que tinham nas mãos, porém, elas me impediram: - Não corra, gatinha selvagem! Olha o que trouxemos para você.

Me desvencilhei delas e consegui me trancar na cabine do banheiro. Senti inúmeras balas e pirulitos. Enquanto meus olhos jorravam lágrimas, comi tudo como elefante.

Voltei para a sala de aula, com meu pescoço de faraó o mais erguido possível, sem deixar minha coroa cair. Entrei na sala e me assustei com o que vi em minha mesa, tinha vários papéis escritos: elefante, macaca, anormal, estranha, deformada.

Me exalte e gritei o mais alto que pude: EU NASCI ASSIM!!! Me sentei, joguei os papéis no chão e voltei a assistir a aula. Meus ouvidos de macaco escutavam cada burburinho sobre mim, mas meu pescoço de faraó, arrogante, não me deixava abaixar a cabeça, por enquanto...

Já na cama preparada para dormir, me debrucei em lágrimas. Meu corpo-câmera já estava dando defeitos de tanta água. Eu que tremia inteira, estava soltando choques para todo lado. Isso nunca tinha acontecido. Eu chorava todos os dias, estava tremendo tanto que a cama passou a tremer comigo. De repente um silêncio, um vazio se instalou em minha mente e, simplesmente, o anormal deixou de existir.

À procura de marés vazias

Renata Peixoto



Assim como um relógio, é como um eterno ciclo, recheado por pressão e exatidão. Já nem consigo diferenciar quando é dia e quando é noite. Tudo parece igual e insignificante. Todos os dias acordo por volta das 04:30 AM para ir à faculdade. Curso Direito, sempre foi algo que me interessou, poder fazer parte daqueles que têm a justiça sob suas mãos, podendo moldá-la e ressignificá-la de acordo com o justo. Durante o caminho, gosto de observar a natureza, sempre cheia de brilho e cor. Pássaros estão começando a acordar e as borboletas a saírem de seus casulos, sempre de forma genuína, esbelta e liberta. De repente, me pego pensando em como seria aliciante ser uma borboleta apenas preocupando-se até onde irá voar, e não se sentir como um peixe fora d'água. Preso fora de sua consolação, à mercê dessa liberdade tão tentadora.

No período das aulas, o tempo parece nunca passar, em nenhum momento consigo parar de pensar, as abelhas voam para lá e para cá, com esses seus zumbidos irritantes, que não me permitem descansar. Após, finalmente, esse momento cessar, no caminho de volta, o mar parece me chamar, com aquelas ondas que fazem-me entrar no passado e ter vontade de lá ficar, envolto a nasceres do sol e solto de pensamentos os quais não quero projetar.

Olhando para o teto esbranquiçado do quarto anseio um vazio para me aconchegar, mas repetidas vezes venho a falhar. Esse vão sempre se manter lá, à espera de um mero acontecimento para começar a funcionar. É como uma sequência que não se encerra, como se eu fosse a serpente em meio ao ciclo sem fim.

Eu o conhecia

Maria Victória Saetta



Certa madrugada, sai para correr e me distrair um pouco. Após horas caminhando, resolvi voltar para casa. Ao chegar perto da floresta, escutei alguém me chamando:

— Henry, venha aqui, estou te esperando!

A voz não me era desconhecida, então, suspeitei que fosse uma brincadeira de um amigo e resolvi ir atrás. Cada vez mais, a voz parecia mais perto, até me levar a um lugar que nunca tinha visto.

Ao olhar para o lado, achei que estivesse louco... com olhas sinceros, a boca gigante é uma coleira pendurada ele olhava-me como se tivesse que me dizer algo. Meu medo falou mais alto e eu decidi ir embora. Ao dar meu primeiro passo, escutei novamente aquela voz dizendo:

— Não vá embora!

Ao ver que aquilo estava conversando comigo, me assustei e perguntei como era possível. Ele não entendeu o porquê de eu estar assustado como se eu já o conhecesse.

Eu, confuso com aquilo tudo, lhe perguntei por que ele queria falar comigo. Ele me respondeu dizendo:

— Sinto cheio de medo.

Eu, sem saber o que aquilo significava, prossegui com as perguntas:

— Como sabe meu nome? Onde estamos? Por que estou aqui?

Ele, novamente respondia:

— Eu sinto cheiro de medo, o que te assusta?

Novamente eu, já confuso, resolvi ir embora.

Quando me virei para ir, estava no meu quarto escutando o despertador tocar, com medo, tremendo e confuso. Eu o conhecia.

Refletir

Eloisa Malaquias



Um certo espelho amava fazer o seu trabalho. Ele gostava muito de refletir as pessoas, como no dia em que ela o olhou vestida com o seu uniforme para o primeiro dia de trabalho, como ela mostrou para ele sua mão com uma aliança recém-ganhada e como ela chegou com uma criaturinha pequeninha que parecia cópia dela.

Era ótimo estar lá nos bons momentos, mas ele não se esquecia dos maus, com quando ela tirou uma nota horrível ou quando ela terminou com o primeiro namorado. Eram momentos ruins, mas, eram MOMENTOS. Isso era muito importante para ele: aproveitar cada momento, porque quando ele passasse nunca voltaria.

Ele iria ficar guardado na memória que, infelizmente, com o tempo se vai. Falando em memórias, mesmo que o espelho fosse feliz com que fazia, tinha alguém de quem ele sentia inveja. Enquanto, ele refletia apenas por algum tempo, ela guardava para si os momentos, mesmo depois de décadas após o acontecimento, poderíamos nos recordar olhando para uma foto tirada pela câmera.

Após uma conversa entre os dois, eles chegaram em um consenso: não importava se ela registrava os momentos e ele refletia, tudo aquilo ia passar. Os momentos podem ser lembrados ou esquecidos, muitos podem ser lembrados de maneira oposta ao que aconteceu. Até mesmo um famoso, após a sua morte, pode ter histórias não contados e não lembradas. Pensar muito no futuro ou no passado atrapalha o presente. Ao final, ele era feliz, pois tinha acompanhado seu desenvolvimento e após ver quem ela se tornou, alegrou-se ao ver que o meio em que ela foi criada foi bom. Momentos... Momentos fazem parte da nossa vida e devem ser bem aproveitados e não rejeitados.

Epílogo

“Inutilmente eu me pergunto - dele, o que será? É possível que ele morra? Tudo o que morre terá tido, anteriormente, uma espécie de finalidade, uma espécie de atividade, na qual se desgastou; não é o que se passa com Odradek. Será então que no futuro, quem sabe se diante dos pés de meus filhos, e filhos de meus filhos, ele ainda rolará pelas escadas, arrastando os seus fiapos? Evidentemente ele não faz mal a ninguém; mas a ideia de que além de tudo me sobreviva, para mim é quase dolorosa.”

“As tribulações de um pai de família”,
Franz Kafka.

